

BNP

SC 25737 V





SP

301

O serviço de saúde
no
Batalhão de Marinha
Expedicionário a Angola
em 1914-1915
e
seus ensinamentos

(Comunicação apresentada ao 1.º Congresso Militar Colonial
pelo capitão-tenente médico António Ruival Saavedra.)



1935
IMPRESA DA ARMADA
LISBOA

*Do Sr. J. J. Gonçalves, doutor e
amigo profundo e compreensivo de
toda a companhia do Sul
de Angola, em um volume*

925- O serviço de saúde

no

Batalhão de Marinha Expedicionário a Angola em 1914-1915

e

seus ensinamentos

(Comunicação apresentada ao 1.º Congresso Militar Colonial
pelo capitão-tenente médico António Ruival Saavedra.)



1935

IMPRESA DA ARMADA

LISBOA



COMPRA

204662

S.O.
25 437

O serviço de saúde

no

Batalhão de Marinha
Expedicionário da Argola

SEPARATA

DOS

“ANAIS DO CLUB MILITAR NAVAL”

TIRAGEM DE 100 EXEMPLARES

seus ensinamentos

(Comunicação apresentada ao 1.º Congresso Militar Colonial
pela Capitã-tenente Maria Helena Ribeiro de Sá)



1937
IMPRIMERIA DE S. PAULO



O serviço de saúde no Batalhão de Marinha Expedicionário a Angola em 1914-1915 e seus ensinamentos

Ao apresentarmos o nosso trabalho, não pretendemos trazer a V. Ex.^{as} novidades sôbre serviços de saúde em campanhas coloniais, mas apenas procurámos na nossa resumida exposição, destacar os factos que mais feriram a nossa atenção e tirar dêles os ensinamentos que nos parecem ter alguma utilidade para os serviços de saúde das fôrças de marinha em campanhas coloniais.

Como chefe do Serviço de Saúde do Batalhão de Marinha, nomeado 5 dias antes do indicado para a sua partida, sem quaisquer indicações ou instruções das autoridades superiores de Saúde, ou do Regulamento do Serviço de Saúde Naval, que sôbre tal assunto nada nos diz, mas apenas com a indicação vaga do Comandante do Batalhão que contasse com três meses, sem saber ao certo a natureza dos serviços e o local onde seriam prestados, organizámos os serviços de forma que as nossas ambulâncias foram consideradas as melhor providas, delas se abastecendo até a coluna que retirou de Naulila.

Nos primeiros dias da viagem a bordo passámos uma inspecção ao Batalhão, encontrando sessenta e tantos casos de doenças venéreas, algumas mesmo de uma certa gravidade, isto a-pesar-de ter havido uma inspecção no quartel de marinheiros.

Improvisaram-se durante a viagem os maqueiros, que não existem na Armada, dando-se-lhe instrução e fazendo exercícios.

Fêz-se a vacinação anti-variólica de todo o pessoal e fizeram-se palestras a oficiais e praças sôbre higiene tropical.

Depois duns dias de paragem em Mossâmedes, iniciou-se a marcha para o interior. — De Mossâmedes à Bela Vista, última estação do caminho de ferro nessa data, já nos socalmos da serra da Chela, teve o Batalhão de ir por três vezes (uma companhia por cada vez) começando a subida da serra da Chela, a última companhia em que seguíamos, às 9 horas da manhã, levando cada

praça a arma, mochila, equipamento, cantil e saco de água, ou sejam 23^k,300 por pessoa, e assim tiveram que escalar dezóito quilómetros da montanha.

Aparecem os primeiros casos de insolação, valendo aos desgraçados os que primeiro tinham feito a escalada que vieram em seu auxílio trazendo-lhes a desejada água.

Ao chegar ao Lubango foram indicadas umas barracas onde, tempos antes, tinham estado fôrças do exército; os primeiros que entraram, tiveram em breve que fugir, pois era tal o ataque das pulgas, que se viram em sérias dificuldades para se livrarem delas.

Como se verificasse ser excessivo o pêso, foram as praças aliviadas das mochilas com manta 6^k,500, que seguiram num carro *boer*, o que deu como resultado terem de passar a primeira noite depois da saída do Lubango em volta das fogueiras, porque o carro *boer* não chegou com as mantas.

Assim fomos seguindo até ao estacionamento do Fôrno da Cal, vasta clareira cercada de mato mais ou menos espesso ao fundo da qual, num declive de terreno, se encontravam as cacimbas; são estas, pequenas poças de água em número de 6 ou 7 sendo distribuídas pelos oficiais, praças brancas, landins, gado são o gado doente.

Pela sua situação tôdas as poeiras produzidas por homens e animais eram em grande parte levadas para as cacimbas e, o que é pior, às primeiras chuvas ficaram tôdas ligadas por cima como já o eram por baixo.

Encontrámos já no estacionamento uma bateria de artilharia e uma Companhia de Landins.

Começa aqui a odisseia do Batalhão—os oficiais tinham, por cada dois, uma barraca onde instalavam as suas camas de campanha; as praças podiam, com dois panos de tenda, formar também uma barraca, mas estas ficavam tão pequenas que só de joelhos era possível entrar nelas, por isso procuravam tôdas, com ramos de árvores, improvisar a habitação que cobriam em parte com os panos de tenda mas, como cama, o duro chão, e como agasalho uma manta.

Começam nos primeiros dias a aparecer logo grande número de doentes com diarréia; apressadamente comunicámos para o Chefe do Serviço de Saúde de tôdas as fôrças em operações que se encontrava no Quartel General, nos Gambos, a 8 quilómetros de distância, as péssimas condições de estacionamento e a necessidade de nos enviarem maneira de ferver a água solicitando providências contra o perigo que nos ameaçava; baldado esforço e assim tivemos no mês de Janeiro, primeiro de estacionamento, 352 doentes dos quais 13 oficiais; Fevereiro, 236; Março, 196, etc.; sendo na sua maior parte doenças intestinais.

Ainda que tarde, melhorou um tanto o estado sanitário quando, depois de incessantes esforços, obtivemos um tanque para ferver a água.

Aproveitando o serviço e habilidade dos landins, conseguimos no dia 18 de Março abrir uma enfermaria de pau a pique e côlmo, com vinte catres feitos com côlmo tecido; desde a sua abertura não mais foram evacuados doentes para os Gambos, como até aí se fazia, mas tratados na improvisada enfermaria onde baixaram, até princípios de Junho, 110 doentes.

Foi grande a dificuldade na preparação das dietas; porém, com o leite condensado ou esterilizado que tínhamos requisitado e levado de Lisboa, e com os caldos de arroz, à falta de melhor, conseguimos alimentar os nossos doentes.

Os números citados são o bastante para mostrar o trabalho e esforço do pessoal de saúde, dois médicos e dois enfermeiros. A tudo isto há a acrescentar as privações a que todo o pessoal esteve sujeito por falta e má qualidade dos gêneros alimentícios tendo nós, depois de inspecionar os gêneros, de mandar por vezes pôr ao sol bacalhau, que em qualquer outra situação teríamos dado por impróprio para consumo, para no dia seguinte se cozinhar, pela simples razão que não tínhamos outros gêneros para o substituir.

Assim nos morreram durante êsse tempo 6 praças com febre tifóide, uma com febre intestinal e outra com diarréia.

Podemos julgar-nos felizes ainda porque nesse ano as chuvas falharam na época respectiva.

Resta-nos falar do clima da região; sêco, mas com variações brutais de temperatura, o que nos obrigava a vestir desde a camisola de inverno até ao fato mais grosso que possuíamos para nos enfiarmos, enrolados na manta, dentro de um saco, ao deitar.

Por informação que nos foi fornecida na missão de Tchiapepe, que ficava a 7 quilómetros de distância, no caminho da Cahama, as temperaturas variavam entre 0° às 6 horas e 28° às 13 horas, e nós, oficiais e praças, com uma manta apenas.

Em 4 de Maio recebia o Batalhão ordem para fazer avançar uma companhia para a Cahama; escolhida, entre as praças que se encontravam em melhores condições de resistência, seguiu levando um médico e um enfermeiro.

Em 29 de Maio, recebia essa companhia de Marinha, juntamente com os landins que a tinham acompanhado, o seu baptismo de sangue num combate com o gentio do Tchipelongo, ao qual infligiu uma valente derrota.

Acresceu assim ao serviço de doentes que ficaram no Forno da Cal, aumentados já com outros evacuados da Cahama, o tra-

tamento dos feridos, alguns dos quais de uma certa gravidade. Era êsse serviço feito por nós como médico e pelo primeiro sargento enfermeiro António de Sousa, voluntário, que já tinha feito parte da coluna de marinha expedicionária ao Cuamato em 1907, cuja dedicação pelo serviço era tal que, encontrando-se também doente, pois chegou a ter 14 dejeccões por dia, nunca deixou de desempenhar o serviço do seu cargo, ainda que com o maior sacrificio.

Em principio de Junho avançámos com o resto do Batalhão para a Cahama e daí para o Tchicusse, baixando ao Hospital dos Gambos os doentes que tínhamos na enfermaria do Forno da Cal e deixando aqui, aqueles que pelo seu estado precário de saúde não podiam agüentar a marcha.

A 3 de Julho reünidas às fôrças de marinha e landins, artilharia, cavalaria e infantaria chegadas nessa data, formava-se o destacamento do Humbe.

Pelas 23 horas dêste dia foi-nos comunicado que, como médico mais antigo, teríamos que assumir a chefia de saúde do destacamento respectivo.

Informámo-nos junto do Chefe do Estado Maior, do meio de transporte para feridos se os houvesse, visto irmos entrar na zona onde o gentio se havia revoltado, ou pelo menos dos estropiados ou caídos por doença: depois de nos ter mostrado o regulamento do serviço de campanha (em Portugal) em que os estropiados se iam deixando ficar nas povoações por onde se passasse, disse-nos não ter um único carro disponível e que os estropiados iriam ao lado dos carros.

Apresentaram-se-nos dois médicos que chegavam com o Estado Maior, que informaram que vinha uma ambulância cujo conteúdo desconheciam, por isso que nada tinham com a sua organização. Ao ser-nos entregue a relação do conteúdo da mesma, verificámos que entre os vários medicamentos figuravam 500 gramas de iodo; tinham-se esquecido do alcohol, pois nem uma gota mandaram. Tínhamos porém ainda a nossa ambulância que, apesar da dificuldade dos transportes, conseguimos fazer chegar na totalidade até ao Humbe.

O que foi essa ambulância, única quási com que contámos durante todo êsse tempo, dizem-no as centenas de casos tratados e ainda a bateria de artilharia e landins connosco bivacados no Forno da Cal, aos quais fornecemos medicamentos inúmeras vezes; di-lo o Hospital dos Gambos para onde fornecemos medicamentos e instrumentos cirúrgicos e di-lo ainda o Hospital do Humbe, por nós improvisado, aproveitando uma casa abandonada e com as camas que mandámos buscar ao forte Roçadas e com todo o nosso

material cirúrgico desde a mesa de operações ao auto-clave. A êste hospital baixaram os doentes das fôrças que se juntaram no Humbe num total de 5:000 homem e ainda os doentes e feridos evacuados do Cuanhama.

Os trabalhos e dificuldades a vencer não só na improvisação do hospital, mas também em conseguir que não fôsse inteiramente descuidada a higiene, durante a permanência de numerosas fôrças num acampamento, ou melhor, num amontoado de homens e animais com cadáveres de mulheres e crianças indígenas, mortas de fome em volta do acampamento, tendo por várias vezes sido necessário pedir ao Chefe do Estado Maior para mandar proceder ao enterramento dos mortos, só pode avaliar quem, como nós, lá esteve.

A distância a que ficava o Cunene onde tinha que se mandar buscar tôda a água consumida, empregando assim um grande número de meios de transporte; a dificuldade de fazer chegar da retaguarda os gêneros não só para a alimentação diária, mas para as rações necessárias para as fôrças avançarem, fêz com que durante todo êste estacionamento estivéssemos reduzidos a 2/3 de ração, faltando sempre o café, o pão e até no próprio quartel general por vezes a bolacha.

Dias antes da partida para o Cuanhama foi recebida a vacina anti-tífica, pedida muito tempo antes e que já não pôde aplicar-se.

Em princípio de Agôsto chegou enfim o Chefe de Serviço de Saúde de tôdas as fôrças em operações no sul de Angola, a quem não tínhamos o prazer de ver desde a nossa passagem próximo dos Gambos e as ambulâncias respectivas.

Terminada aqui a nossa missão de chefe de serviço de saúde das fôrças estacionadas no Humbe, regressámos ao Batalhão de Marinha constituído por 12 oficiais, dos quais 2 eram médicos, e 342 praças, tudo quanto restava de perto de 600 homem com que havíamos saído de Lisboa.

Organizados os destacamentos do Cuamato e Cuanhama, fazendo a Marinha parte dêste último, avançámos para o Cuanhama.

Não podemos deixar de citar aqui um caso que mostra bem as dificuldades em que se vê o pessoal de saúde: Estava marcada a hora da partida do destacamento do Humbe para as 5 horas; pelas 22 horas do dia anterior, somos chamados à barraca de dois oficiais de marinha cujas temperaturas oscilavam entre 39 a 40 graus.

Poderiam seguir sete horas depois? Deveriam ficar após sete meses de sacrifícios, privações e tudo mais a que tinham estado sujeitos? Injetámos-lhes quinina e deixámos para as 4 horas do dia

seguinte a resposta sôbre a resolução a tomar. Seguiram e satisfazendo assim os seus desejos, evitámos desta forma privá-los do prazer de chegar ao fim, e da satisfação de haver cumprido.

Na acção de 17 e combates de 18, 19 e 20 de Agôsto as forças formando quadrado em que a face da frente era constituída pela Marinha com o seu pôsto de socorros, por ordem superior, a menos de cinco metros dessa face, e onde se encontravam, além do signatário, o então segundo tenente médico Júlio Gonçalves que, desde a partida de Lisboa até ao regresso, foi sempre um valiosíssimo auxiliar, o primeiro sargento enfermeiro, António de Sousa a quem atrás nos referimos, e o segundo sargento enfermeiro Silva Freire, falecido pouco depois do regresso por doença adquirida em campanha, e oito maqueiros.

Sem qualquer abrigo durante os três primeiros dias e com um abrigo irrisório, inferior como defesa às próprias trincheiras das faces combatentes, no último e maior combate, o da Môngua, único em que tinha sido dada ordem para abrir trincheiras, e ainda o óptimo alvo encontrado pelo inimigo nas cruces vermelhas da ambulância, tornaram o pôsto de socorros vítima do encarnecimento e da raiva do inimigo bom atirador, expondo-o a um chuveiro de balas. Neste pôsto o serviço de saúde operou sempre, durante e debaixo de fogo, dêle partindo dois maqueiros, ainda no mais aceso dos combates em que o fogo do inimigo era da máxima intensidade, logo que da face era ouvida a voz de ferido. Feito o primeiro curativo no pôsto, era levado por dos mesmos maqueiros à ambulância situada no centro do quadrado. Procederam assim os nossos maqueiros sempre por ordem e instruções nossas, para isso os havíamos adestrado, sendo por vezes necessário indicar a equipe que devia partir, pois havendo voluntários não permitíamos que voltassem os mesmos. Na subsequente marcha para a tomada da Embala da Ngiva, nessa marcha exgotante e trágica que ficará memorável na história das nossas campanhas coloniais, o serviço de saúde operou incansavelmente recolhendo e tratando estropiados, acudindo prontamente aos insolados ou caídos por inanição. Com um dos nossos maqueiros, o criado António Alves, deu-se um facto que achamos interessante mencionar: No último dia de marcha, esquecendo o sofrimento próprio andava levantando os que caíam; e quando transportava um doente para um carro onde seguiam outros, estes, alegando que a carga era excessiva para o estado em que se encontrava o gado que puxava o mesmo, recusaram-se a recebê-lo; então o maqueiro tirando o braçal da cruz vermelha e colocando-o no chão disse: «ou levam o doente ou terão que passar por cima da cruz vermelha». Todos se calaram e o doente pôde assim obter o lugar de

que carecia. Uma vez chegados à Ngiva estava terminada para a marinha a campanha do sul de Angola de 1914-15.

Movimento de doentes durante a campanha:

Baixaram aos Hospitais de Mossâmedes, Lubango, Chibia, Gambos e Humbe, 312 doentes. Baixaram à enfermaria do Forno da Cal, 110 doentes. Foram presentes às Juntas para efeitos de licença para convalescer, 101. Regressaram à Metrópole por opinião das mesmas Juntas, 85. Devemos elucidar que apenas 4 doentes regressaram à Metrópole por opinião da Junta constituída pelos médicos de Marinha, e foram desembarcados em S. Tomé porque a gravidade do seu estado lhes não permitia seguir viagem.

As restantes Juntas eram constituídas por médicos das Colónias ou do Exército, e deveremos ainda acrescentar que, a alguns doentes com o diagnóstico de febre tifóide e tuberculose pulmonar (?) feitos pelas mesmas Juntas, foram arbitradas licenças para convalescer no Lubango.

Doentes evacuados do Cuanhama, 32,

Falecidos em combate, 2; febre tifóide, 7; febre intestinal, 2; diarréia, 1; disenteria (amibiana?), 1; pneumonia (Hospital de Mossâmedes), 1. Para mostrar a maneira como os marinheiros souberam cumprir o seu dever, bastará lembrar que o grande militar a cuja energia e valor se deve o brilhante resultado dessa Campanha, que acompanhou até à Ngiva o destacamento do Humbe, o General Pereira de Eça, legou à marinha a sua espada.

Cumpre-nos no entanto destacar o Comandante Cerqueira que, não lhe competindo, carregou por duas vezes à frente dos marinheiros, nas brilhantes cargas que puzeram termo ao combate da Môngua.

Do pessoal de saúde, os médicos tiveram o seguinte louvor: «Foram médicos de Postos de Socorros na acção de 17 e combate de 18, 19 e 20 de Agosto. Muitas vezes mal abrigados, procederam debaixo de fogo com energia e dedicação extrema nos prontos socorros a feridos e em todos os serviços». O enfermeiro Freire, foi louvado pelo combate de Tchipe-longo e os maqueiros tiveram todos o Valor Militar e a Cruz de Guerra. Todos os oficiais do Batalhão de Marinha que entraram em operações até ao seu termo, que correram os mesmos riscos e tiveram os mesmos trabalhos, foram condecorados com o Valor Militar e a Cruz de Guerra, à excepção dos médicos aos quais foi concedida a medalha de Bons Serviços, como a muitos outros camaradas que nenhum risco correram e que não chegaram mesmo a ouvir um tiro. É bem simples a explicação: É que da saúde só nos lembramos quando estamos doentes.

Conclusões

1.^a— Torna-se absolutamente indispensável que no Regulamento de Saúde Naval, se encontrem as intruções que devem orientar o Serviço de Saúde nas forças em operações, em terra, nas Colónias.

2.^a— A inspecção das forças expedicionárias deve sempre ser feita na ocasião da sua organização pelos próprios médicos que as acompanham.

3.^a— O pessoal de saúde, médicos, enfermeiros e maqueiros, estes convenientemente instruídos e adestrados antecipadamente, devem ter equipamento e armamento que lhes permita poder prestar os primeiros socorros, levantar e transportar feridos.

4.^a— Deve-se sempre procurar reduzir ao mínimo a permanência em estacionamento às forças de marinha,

5.^a— Nunca deverá ser escolhido local para estacionamento sem que o médico seja ouvido.

6.^a— Além da vacinação anti-variólica, deve fazer-se também a vacinação anti-tífica e paratífica.





